

Academia Nacional de Medicina debate subjetividade da beleza

DA REDAÇÃO

A Academia Nacional de Medicina (ANM) promoveu na semana passada palestra de tema médico-filosófico, chamada A Beleza e a Feiúra: o que há de objetivo quando se analisa o subjetivo, proferida pelo acadêmico Ricardo Lopes da Cruz, seguida de amplo debate coordenado pelo presidente Francisco Sampaio, que envolveu psiquiatra, neurologista, cirurgião plástico, anatomista, médicos de outras especialidades e alunos do 5º e 6º anos de medicina.

A leitura da beleza, assim como da denominada feiúra, pode ser realizada através de critérios objetivos e subjetivos. Assim é que a beleza pode ser analisada através de questões históricas, normas sociais de padrão vigentes, padrões ditos cerebrais (a beleza matemática) e também fatores inconscientes e instintivos na denominada "subjetividade do gosto pessoal".

O palestrante abordou ainda

que torna-se desafiante, entretanto, a idéia defendida desde a Grécia antiga de que "aquilo que é belo é amado; o que belo não é, não é amado", citando uma frase do filósofo Teógnis, que viveu no século VI a.C.

A mitologia greco-romana apresenta Apolo como o Deus da Beleza; e Afrodite (mitologia grega) ou Venus (mitologia romana) como a Deusa da Beleza, no início de uma história antiga que destaca figuras como o David de Michelangelo ou o belo clássico de Augusto de Prima Porta.

Ao longo da história, questões sociais, raciais, culturais e políticas foram surgindo, bem como a convicção de que os padrões estéticos sempre seguem proporções matemáticas como as apresentadas por Da Vinci, Fibonacci e mais recentemente Marcquardt.

Os mitos de Pigmalião e de Narciso tornaram-se, da mesma forma, objeto de grande interesse na análise psicológica da cultura ao belo. A feiúra também foi destacada em

obras de Da Vinci e reforçada por artistas como Matsys, Della Porta, Caravaggio e Bernini; porém foi sempre questionada no aforisma popular que diz que "a beleza está nos olhos de quem a vê".

A palestra mostrou também que mocinhos e vilões, de maneira geral, insistem em estereotipar a beleza e a feiúra nas histórias em quadrinhos e nos filmes que assistimos através das várias gerações. Além disso, artistas mais contemporâneos como Lucien Freud (e sua Big Sue), Piccinini e Mansky colocaram a estética da feiúra à prova com sua arte apreciada por muitos.

Poetas e escritores escreveram sobre a feiúra de forma instigante, traçando paralelos sob vários ângulos como o poder; os interesses escusos; o ridículo; e até mesmo com a velhice, mas é Mário Quintana que estabelece um questionamento fundamental, que diz respeito ao real valor de "se prender a vida em conceitos e normas".